



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de assinatura da  
autorização da Agência Nacional de Petróleo  
para construção de refinaria e produção de  
derivados de petróleo*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 18 DE NOVEMBRO DE 1998

*Senhor Governador Tasso Jereissati, Governador do Ceará; Senhor Ministro interino de Minas e Energia, Dr. Garrido; Senhor Diretor-Geral da ANP, Dr. Davi Zylbersztajn; Senhor Hans Ulrich Gruber, Presidente do Grupo Thyssen; Senhores Parlamentares, Empresários; Senhoras e Senhores,*

Realmente, este ato que se realiza nesta manhã tem um significado simbólico muito importante. Significado que nos toca de perto. Primeiro, pelo Nordeste e pelo Ceará, em particular. Anseio antigo, luta antiga. O Governador Tasso Jereissati, sempre apoiado pelos seus parlamentares e pela sociedade do Ceará, conseguiu aquilo que o Ceará almejava, o Nordeste almejava.

E eu devo reconhecer de público que a realização desse projeto deve-se, naturalmente, ao Grupo Thyssen – já me referirei –, às novas regras que o Dr. Zylbersztajn mencionou, mas se deve muito ao empenho do Governador Tasso Jereissati.

Eu fui, para ser franco – e também para me explicar perante os outros governadores do Nordeste – surpreendido agradavelmente quando, voltando de uma viagem do interior do Ceará, recebi no avião

presidencial os representantes do Grupo Thyssen, que traziam a nova e que estavam dispostos a investir no Ceará. Fui surpreendido, mas fiquei contente. Havia um momento de dúvida ainda sobre se a Agência Nacional do Petróleo, em tempo hábil, teria condições de resolver a questão. Foi resolvida, como disse o Dr. Zylbersztajn, em poucos meses, em questão de três meses. A regulamentação hoje é uma regulamentação clara. O Grupo Thyssen tomou a decisão, e foi dada a autorização.

De modo que o Ceará está de parabéns. O Governador, pelo seu empenho; os parlamentares, pelo apoio que deram; a Agência Nacional do Petróleo, por ter sido eficiente na resolução da questão. Mas há um outro sentido nisso também. É que o grupo Thyssen, que é um dos principais grupos mundiais, toma a decisão de fazer uma refinaria no Brasil – há poucas em construção no mundo – no exato momento em que o Brasil, até há pouco tempo sozinho, vencia a sua terceira batalha contra tentativas de diminuir a nossa capacidade financeira e de mantermos o valor da nossa moeda.

É bem vindo, que se junte agora, quase 1 bilhão de reais, mostrando claramente, ao Brasil e ao mundo, que os grupos que têm uma noção de investimento – como tem o Grupo Thyssen – acreditam no país. E os que não acreditarem vão é perder. E vão perder logo, porque nós estamos superando as dificuldades momentâneas, e com isso nós vamos ter maior capacidade ainda de desenvolvimento e de atração de recursos e de desenvolvimento de recursos próprios no Brasil.

Convém reprisar isso. Nesse momento, essa assinatura é importante, porque é uma demonstração nítida de confiança no país – eu agradeço essa confiança. Mas, ao agradecer, sublinho que foi uma boa escolha. Não vão perder recursos os que aqui estão pondo os seus capitais, porque o País está ansioso por continuar crescendo.

Eu sou, freqüentemente, considerado um otimista. E eu sou otimista. Mas eu acho que ninguém pode se dar ao luxo de ser otimista se não tiver, também, o pé no chão, se não for realista, porque não pode governar um país, como o Brasil, se não for, ao mesmo tempo, realista. E é com realismo que eu digo que, realmente, nós estamos não apenas superando as condições adversas pelas quais passamos, mas que conti-

nuamos com a mesma meta de seguir adiante com o nosso projeto de desenvolvimento.

Dentro de poucos dias eu irei à Venezuela, para inaugurar uma estrada, que corta a Amazônia e vai de Manaus a Caracas. Terminada agora, foi iniciada também neste Governo. Dentro de poucos meses ou semanas, eu vou inaugurar a maior obra que se fez nos últimos tempos, no nosso hemisfério, que é o gasoduto da Bolívia, ligando a Bolívia até o sul do Brasil. É a maior obra que se está fazendo e que será inaugurada. Começou neste Governo, depois de muita luta, para que nós pudéssemos conseguir os recursos internacionais, as autorizações necessárias do Governo da Bolívia e do Brasil, os entendimentos, os apoios. E nós estamos fazendo.

Não paralisamos, nem paralisaremos a outra obra – a maior obra viária – que é a duplicação da Fernão Dias, que vai de Belo Horizonte até a fronteira do Brasil com a Argentina. Isso aqui é um país que tem fome de crescimento. E que não pode se deixar esmorecer por dificuldades que passam. Tem que continuar olhando o horizonte e ver que esse horizonte é o horizonte de prosperidade. Não pode ser um horizonte de mediocridade, de contentamento com migalhas no crescimento econômico.

Quero aproveitar para lhes dizer que basta ler os jornais, nos últimos dias, para verificar o esforço extraordinário que o Ministro Malan, com toda a sua equipe, está fazendo para afirmar a posição do Brasil no exterior. Basta ver os jornais de hoje, para verificarem isso e para verificarem, também, que o acordo que nós assinamos, ou vamos assinar com o Fundo Monetário Internacional, é de nova qualidade.

A definição do ajuste fiscal foi feita por nós e o acordo, simplesmente, transcreve em inglês o que o Congresso brasileiro recebeu em português, nas condições definidas por nós. E mais, ainda – e aí devo dizer, também que, graças à compreensão da liderança internacional, e sobretudo do Presidente dos Estados Unidos – foi possível redefinir o modo pelo qual o Fundo Monetário deve se relacionar com as economias emergentes que, por estarem em condições de reservas altas, necessitam de credibilidade. Inovamos na forma da criação desse fundo de contin-

gência, que não diz respeito a recursos para países que estão quebrados, mas que diz respeito a recursos para países que, tendo reservas no porte que o Brasil tem, aumentem suas reservas para desanimar o capital especulativo. São coisas novas, mas, não quero com isso dizer que não estamos enfrentando dificuldades grandes. Todo mundo sabe que fomos obrigados a elevar a taxa de juros, mas todo mundo está vendo, também, que estamos cumprindo o que dissemos que faríamos, que baixaríamos a taxa de juros.

Quero aproveitar, também, a oportunidade, para diante de tantos parlamentares, agradecer ao Congresso Nacional, que teve a compreensão do momento e não faltou com o apoio decidido às propostas do Executivo. O Congresso sabe que essas propostas cortam na nossa própria carne. E não obstante, estão votando as medidas importantes. Espero que continuem votando, hoje, e tenho certeza de que continuem votando hoje, e aumentando, portanto, a credibilidade do Brasil e permitindo que mais depressa nós possamos superar as dificuldades e baixar a taxa de juros, para que nós possamos, ainda, no próximo ano retomar níveis de crescimento necessário para que o Brasil tenha, realmente, a possibilidade de dar à sua população aquilo que é essencial: não só emprego, mas dignidade e bem estar.

Eu creio que essa decisão da Thyssen, agora, vai completar esse esforço do Ceará de reorganizar a sua base produtiva. Ainda ontem li, de novo, com alegria, que o Ceará continua na dianteira da produção industrial – continua ampliando a sua produção industrial, a despeito das dificuldades. Isso não se faz por acaso, faz-se porque o cearense é um povo determinado e tem um governo competente, e que tem, na medida que tem os demais, o apoio do Governo Federal. Seria injusto imaginar que é o Governo Federal quem dá mais apoio a tal ou qual governo. O Governo Federal tem dado apoio a todos os governos que apresentam projetos viáveis. O projeto do Porto de Pecém tem, realmente, o nosso apoio, e espero que, mesmo com as dificuldades, continuemos a apoiá-lo, e que o Governador, neste momento que o Governo Federal precisa de recursos, ajude. Ele vai ajudar.

Mas, o fato é que nós estamos assistindo, realmente, no Ceará, à concretização de um sonho do Nordeste, de um Nordeste produtivo, um Nordeste que não depende de subsídio, não depende, simplesmente, de transferências constitucionais, mas depende da capacidade de seu povo de trabalhar, de se organizar e de seguir adiante.

De modo que eu peço perdão, por ter me referido a vários temas mais amplos do que, especificamente, esse contrato, mas esse contrato ensejou essa fala de hoje. Mais do que ensejou, de alguma maneira, ele demonstrou que a confiança que nós depositamos aqui no Brasil não está isolada, mas é uma confiança compartilhada pelos brasileiros e pelos que estão lá fora com a visão de progresso e que, certamente, ajudarão o Brasil nesse caminho de progresso. Eu os felicito.

Muito obrigado.